

GÊNERO E MEIO AMBIENTE: O CUIDADO AMBIENTAL (NÃO) INERENTE À MULHER

Lucimary Leiria Fraga
Universidade Federal da Fronteira Sul
lucimary23@hotmail.com

Aline Maroneze
URI
aline_maroneze@yahoo.com

Eixo 09. Multidisciplinar

Resumo: Este ensaio teórico tem como objetivo principal estudar sobre relação das mulheres com a natureza e o ideal de cuidado com o meio ambiente, como sendo algo (não) inerente à mulher. Para isso, busca-se fazê-lo por meio de uma perspectiva ecofeminista. Dessa forma, os objetivos específicos estão estruturados em três seções trabalhadas ao longo da construção deste artigo, são eles: a) estudar sobre a (in)visibilidade feminina ao longo da história; b) pesquisar sobre o patriarcado e o reforço da ideia de dominação/subordinação, bem como o reforço dos papéis impostos às mulheres e aos homens, onde através do reforço destes papéis às mulheres estariam mais ligadas a ideia de cuidado, por fim, c) aprender sobre a relação das mulheres com a natureza, valendo-se das teorias ecofeministas e autores adeptos da ecologia profunda, como Fritjof Capra. A problemática de pesquisa parte do pressuposto de que em uma sociedade patriarcal e capitalista, que naturaliza a lógica de opressão - dominação dos homens sobre as mulheres, portanto, estariam elas mais ligadas à ideia do cuidado ambiental pelo fato de serem mulheres ou isso também foi uma construção patriarcal? A metodologia adotada utiliza o método indutivo e a revisão bibliográfica, no intuito de melhor abordar a temática proposta. Por derradeiro, pode-se verificar que o cuidado ambiental não é inerente à mulher, mas sim, trata-se de mais uma criação patriarcal, que insiste em estipular e atribuir papéis a homens e mulheres, reforçando estereótipos negativos e opressores.

Palavras- chave: Cuidado Ambiental. Ecofeminismo. Patriarcado.

Introdução

Este ensaio teórico tem como objetivo principal, estudar a relação entre gênero e natureza, sobretudo, verificar e compreender se em razão do gênero, as mulheres estariam mais ligadas à ideia do cuidado com a natureza. De tal sorte, o estudo busca compreender sobre a questão da opressão e da dominação quem, tanto natureza quanto as mulheres, sofrem do patriarcado.

O estudo está estruturado em três seções, num primeiro momento busca-se a) estudar sobre a (in)visibilidade feminina ao longo da história; b) pesquisar sobre o patriarcado e o reforço da ideia de dominação/subordinação, bem como o reforço dos papéis impostos às mulheres e aos homens, onde através do reforço destes papéis, as mulheres estariam mais ligadas a ideia de cuidado, por fim, c) aprender sobre a relação das mulheres com a natureza, valendo-se das teorias ecofeministas, e de autores adeptos da ecologia profunda, como Fritjof Capra. Nesse sentido, a problemática levantada parte do pressuposto de que: em uma sociedade patriarcal e capitalista, que naturaliza a lógica de opressão - dominação dos homens sobre as mulheres, estariam as mulheres mais ligadas à ideia do cuidado ambiental pelo fato do gênero, ou esta perspectiva foi (mais) uma construção patriarcal?

1 BREVES APONTAMENTOS SOBRE A (IN)VISIBILIDADE FEMININA AO LONGO DA HISTÓRIA

Durante vasto tempo as mulheres foram deixadas em segundo plano na história, podendo até se dizer que eram vistas e tratadas como seres inferiores em relação aos homens. Esta afirmação pode ser confirmada com o que o filósofo Aristóteles diz sobre as mulheres em sua obra “A Política”, ao ressaltar que: “Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção” (ARISTÓTELES, 1991, p. 29).

Perrot explica que esta invisibilidade das mulheres vai ocorrer por diversas razões, dentre as quais está a domesticidade, já que às mulheres era reservado somente o espaço do lar e da vida doméstica (PERROT, 2019), sendo-lhes vedado, portanto, a atuação em espaços públicos e/ou tidos como de privilégios. Apanhando como referência no sentido de complementar o entendimento de Perrot, mais uma vez, a obra de Aristóteles, as mulheres naquela época, não tinham espaço na vida pública, sequer na vida política, já que eram igualadas ao *status* de coisa. E por conta desta vida doméstica, durante muito tempo acreditou-se que as mulheres não possuíam nenhuma atuação de importância sobre a história, ou qualquer outro assunto.

Neste contexto, a questão abarca certo grau de complexidade, tornando evidente que estudar sobre gênero é tarefa extremamente desafiadora. As mulheres não sofreriam somente com a questão relacionada ao gênero, mas também por conta da questão do *status*, já que para o autor, o *status* reforça a subordinação das mulheres aos homens e o consequente

menosprezo das mulheres nos mais amplos campos, levando a uma falta de representatividade nos espaços de poder, e reforçando também, a lógica da violência e do descrédito social:

Assim, o gênero combina uma dimensão de classe com uma dimensão de status, exigindo, simultaneamente, soluções provenientes da redistribuição e do reconhecimento, mantendo-se em aberto questionamentos relacionados ao peso de cada dimensão. O certo é que a solução não pode provir de apenas uma espécie de política (SOUZA, 2013. p. 80).

Importante esclarecer que juntamente com o cristianismo cria-se a ideia sobre o pecado, onde incentiva-se, sobretudo, às mulheres, o ideal de amor, doçura e o celibato, nesse sentido. Ocorre que, esta inferioridade constantemente afirmada ao longo do tempo, acaba por naturalizar as mais diversas formas de violência sofrida pelas mulheres ainda hoje.

2 O PATRIARCADO E O REFORÇO DA IDEIA DE DOMINAÇÃO/SUBORDINAÇÃO

A questão sobre a inferiorização das mulheres pelo patriarcado é algo muito antigo, e de acordo com os entendimentos de Saffioti, isso foi perpetuado através das: “práticas sociais, em mercadorias, em rituais religiosos, além do infanticídio de meninas, do aborto seletivo de fetos femininos” (SAFFIOTI, 2000, p. 72). Sobre o patriarcado, Camurça esclarece que: “Há mecanismos que sustentam o sistema de dominação, através dos quais a dominação se reinventa, reproduz e perdura” (CAMURÇA, 2007, p. 32).

Destarte, as relações de gênero de acordo com a lógica patriarcal, refere que o sistema sexual define os postos sociais a serem ocupados por homens e mulheres. A partir disso, a sociedade determina os papéis a serem desempenhados a depender do gênero de cada um: “A sociedade delimita com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFIOTTI, 1988, p. 8).

Assim, já que a mulher ficou durante tanto tempo relegada apenas ao ambiente doméstico, cuidando do lar, dos filhos e do marido, criou-se a ideia de que ela também estaria mais ligada também a ideia de cuidado com a natureza. Mas tudo isso merece ser desconstruído, já que o cuidado não é algo inerente à mulher por conta do seu gênero. Afirmar isso, é ratificar a lógica patriarcal e reforçar estereótipos de gênero.

Dessa forma, pode-se compreender que a lógica de dominação/subordinação, reforçada pelo patriarcado continua a gerir nossas relações sociais, familiares, profissionais e também com a natureza, então para que todos possam viver de maneira mais equitativa, é necessário que se modifique toda esta estrutura de opressão que ainda continua a ser reforçada e reproduzida pela sociedade.

3 O CUIDADO COM A NATUREZA COMO ALGO NATURAL À MULHER

A questão a respeito de um desenvolvimento sustentável é um assunto cada vez mais em voga nos tempos de hoje, onde vem ocorrendo uma mudança de paradigma com relação a ideia de exploração incansável dos recursos naturais, os quais estão cada vez mais escassos.

Então, busca-se identificar se as mulheres estariam mais ligadas a este ideal de cuidado com a natureza ou não. Contudo, antes de passar-se a estudar de maneira mais específica a relação das mulheres com a natureza, busca-se estudar e compreender a respeito da questão ambiental e do desenvolvimento sustentável. Para Rodrigues “A questão ambiental deve ser compreendida como um produto da intervenção da sociedade sobre a natureza. Diz respeito não apenas a problemas relacionados à natureza, mas às problemáticas decorrentes da ação social”. (RODRIGUES, 1998, p. 13).

É necessário que se ressignifique a forma de olhar o meio ambiente e a natureza de forma geral, já que a continuidade da vida humana depende da existência de um meio ambiente equilibrado e saudável, realidade não mais vista na atualidade, eis que a ganância humana está, diuturnamente, devastando as riquezas naturais existentes. Nesta perspectiva do cuidado com o Outro, que, neste ensaio é a natureza, busca-se nos ensinamentos de Warat introduzir a ideia deste cuidado de uma maneira muito mais abrangente, através da ecocidadania. Sob a visão waratiana:

As preocupações quanto ao sentido da vida estão estreitamente vinculadas à necessidade do cuidado de si mesmo. Seria a emergência de um estilo de existência inteiramente novo, dominado pelo cuidado de si mesmo. Indivíduos que se disponham a cuidar-se de todas as formas de maus tratos: em relação ao meio ambiente, ao poder e ao afeto. A ecologia como cuidado da vida; a cidadania como cuidado frente aos poderes que fundamentam a exploração e a alienação; a subjetividade como cuidado que permite liberar os afetos oprimidos (WARAT, 1994, p. 101).

Por seu turno, Leff, acredita que a partir de “princípios de gestão ambiental” nasce uma economia mais equilibrada, menos preocupada com apenas seus interesses econômicos e de mercado e mais voltada para um desenvolvimento sustentável (LEFF, 2009).

Contudo, importa referir que a exploração e dominação da natureza fazem parte da agenda e do projeto Neoliberal, que coloca os interesses econômicos a frente de tudo, e busca o extermínio de todos os que ousarem impedir, sobre isso, pode-se, mais uma vez, ilustrar o pensamento de Warat, o qual esclarece que: “Este é o projeto de globalização neoliberal: submeter à servidão a todos os outros; imigrantes, mulheres, e todos os excluídos que se submetem aos construtores da torre ou ficam como inimigos, que obstaculizam a construção e devem ser aniquilados [...]” (WARAT, 2010, p. 10).

A partir de agora, dedica-se a estudar um pouco sobre a relação da mulher com a natureza. Neste intento, Angelin, esclarece que a “Mãe Terra” ou Gaia foi adorada e cultuada pelas mais diferentes crenças, onde tinham a “Terra” como algo sagrado e divinal, esta prática é bem presente na cultura grega. Contudo, com a chegada do cristianismo, que adotava a figura masculina de um Deus, tanto a mulher quanto a natureza, passam a ser renegadas e deixam de ser tão importantes dentro dos preceitos cristãos de um Deus patriarcal (ANGELIN, 2006).

Importante destacar que para o ecofeminismo, tanto a mulher quanto a natureza são vítimas do patriarcado, diante disso, a sociedade do patriarcado se vale da dominação e exploração dos recursos da natureza, reafirmando seu ideal de superioridade sobre os recursos ambientais e sobre a mulher (FLORES; TREVISAN, 2015).

Dessa forma, o movimento do ecofeminismo: “[...] sintetiza duas preocupações: a ecológica e a feminista. Ele pressupõe que existe uma conexão entre a dominação da natureza e a dominação da mulher” (SOUZA, 2000, p. 57).

Capra vai nos ensinar que a Terra ou Gaia, é a origem de toda a vida, e como provedora de toda a vida: “[...] Ela nos proporciona o contexto para o novo pensamento a respeito de Deus e da Natureza” (CAPRA, 1991, p. 04). Superando a lógica cartesiana que nos ensinou a dominar e a explorar a natureza e tudo o que vem dela.

Há um reforço pelo patriarcado de que o cuidado seria mais inerente à mulher, mas concordar com isso é reforçar estereótipos de gênero opressores. Assim, o cuidado ambiental é tarefa de todos e todas, não podendo se manter, unicamente, na responsabilidade das mulheres, já que um meio ambiente sadio e equilibrado é um direito constitucional,

independente de gênero. Por isso, é de responsabilidade de todas as pessoas que se preocupam com a garantia da sua vida e das próximas gerações. Então, o cuidado ambiental não é inerente à mulher, esta construção de que a mulher está mais alinhada a ideia do cuidado é uma construção patriarcal, que tenta a todo momento impor à estas os papéis de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao final deste ensaio teórico com a evidente necessidade de uma educação ambiental sem determinismos e sem binarismos de gênero. Não é nem natural, nem biológico, tampouco inerente à mulher, a obrigação do cuidado com a natureza.

Percebe-se através do estudo proposto, que o patriarcado busca reforçar os papéis impostos aos homens e às mulheres, e isto também ocorre quando o assunto é o cuidado com o meio ambiente. Para toda a sociedade possa sair ganhando é necessário que cessem os dualismos, é preciso que homens e mulheres se unam em espírito de cooperação, sem a necessidade presente no patriarcado de prevalência de gênero, para que no futuro possamos todas e todos gozar de um lugar mais saudável para vivermos. É necessário (re)construir a nossa relação com a natureza de uma forma mais amorosa e respeitosa, não por imposição ou obrigação de gênero, mas pela consciência de que fazemos parte do todo, e de que o todo também está em nós. Precisa-se, enquanto sociedade, se exercitar a alteridade e o exercício de respeitar as diferenças, sem a necessidade de uma homogeneização, de modo que isso também precisa ser feito com relação à natureza, para que assim possamos pensar e garantir uma vida em harmonia com tudo, e todos (as) que nos cercam.

REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela. **“Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo”**. 2006. Acesso em: 28 jun 2021. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>.

_____. **“Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero”**. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.9, n.3, 3º quadrimestre de 2014. Disponível em: <www.univali.br/direitoepolitica>. Acesso em 03 de jun. de 2021. p. 1569-1597.

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

BONINI, Altair. **História**. Curitiba: SEED-PR, 2006.

CAMURÇA, Sílvia. **Nós Mulheres** “e nossa experiência comum”. In: cadernos de Crítica feminista: reflexões feministas para transformação social. Ano I. nº 0. Recife: SOS Corpo, 2007.

CAPRA, Fritjof. **Pertencendo ao universo**: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 1991.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. **“Ecofeminismo e comunidade sustentável”**. Revista Estudos Feministas, vol. 23. Brasil: Florianópolis. 2015. Acesso em 29 jun 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37461/28755>.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Ecologia, capital e cultura, a territorialização da racionalidade ambiental**. Trad. Jorge E. Silva. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2.ed. Contexto: São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Produção e Consumo do e no espaço**: problemática ambiental urbana. Ed. Hucitec: São Paulo, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1988.

_____. **Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?** Crítica Marxista, nº 11, p. 71-75, 2000.

SOUZA, Leonardo da Rocha de. **A consideração dos ausentes à deliberação ambiental**: uma proposta a partir da ética do discurso de Jürgen Habermas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

SOUZA, Sandra Duarte. **Teoria, teo(a)logia e espiritualidade ecofeminista: uma análise do discurso**. Revista Mandrágora: Revista de Estudos de Gênero e Religião. São Bernardo do Campo, SP: UESP, Ano VI. n.6, p. 57-64, dez. 2000

WARAT, Luís Alberto. **A rua grita Dionísio!** Direitos humanos da alteridade, surrealismo e cartografia. Trad. e Orgs. Vivian Alves de Assis, Júlio César Marcellino Jr e Alexandre Moaris da Rosa. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

_____. **“Eco-cidadania e direito**: alguns aspectos da modernidade, sua decadência e transformação”. Tradução de Jose Luis Bolzan de Moraes. In: Revista Sequência N.º 28 Ano 15, junho de 1994 - p. 96-110.